

SOBRE O CONCEITO DE HERÓI NA DEMANDA DO SANTO GRAAL

Daniel Puglia¹

RESUMO: *Esse artigo tem por objetivo discutir os pressupostos do heroísmo na Demanda do Santo Graal. Quando surge, tal texto já está inserido num contexto de afirmação nacional: existe um herói que incorpora preceitos de uma nação. Além disso, a religiosidade presente na trama narrativa, marcando uma certa ética comportamental, denota ainda outra faceta determinante da mentalidade do homem medieval. Assim, consubstanciam-se duas fortes componentes da Demanda: a temática religiosa e a questão do herói nacional, devendo ambas serem investigadas como forma de dimensionar o testemunho literário sobre a época medieval, bem como os traços de sua permanência e relevância até os dias atuais.*

PALAVRAS-CHAVE: *Santo Graal – nacionalismo – religiosidade*

1. Documento literário da língua portuguesa

Para iniciarmos nossa reflexão acerca do conceito de herói na *Demanda do Santo Graal*, conviria antes de mais nada realizar uma breve contextualização do momento histórico-literário em que a obra surge, bem como tecer algumas considerações sobre determinadas linhas de força nela presentes.

Quando os primeiros originais da *Demanda* são escritos, estão ligados ao momento histórico em que a figura histórica do rei Artur já está distante, tornada lenda, sua origem remontando aos celtas. O contato com as narrativas do Santo Graal se dá por volta do século XIII (as versões escritas são do século XV) e talvez o rei Artur histórico tenha vivido no século VIII. Dessa maneira, é interessante observar o processo de recriação e fabulação por meio do qual a ficção adaptará os fatos passados às convenções dos momentos subsequentes: são histórias que sofreram uma progressiva cristianização.

A *Demanda* seria a terceira parte de um conjunto de textos. A primeira parte seria *José de Arimatéia*: aquele que colhe o sangue de Cristo numa taça, o Graal. Este seria em princípio um objeto, a taça física, e mais tarde viria a assumir uma dimensão simbólica, uma vez que a narrativa, quanto mais se distancia da cultura celta, mais se aproxima da idéia de salvação cristã. Já a segunda parte do conjunto de textos seria *Merlin*, parte esta que desapareceu talvez porque a figura de Merlin esteja mais próxima da magia celta, sendo, portanto, indesejável para os padrões cristãos. E, finalmente, a terceira parte seria *A Demanda do Santo Graal*: tradução do francês em português arcaico, sendo considerado o mais antigo documento literário em prosa da língua portuguesa.

¹ Daniel PUGLIA. Doutor pelo Departamento de Letras Modernas da USP. Professor de Teoria Literária na Universidade Paulista. Instituto de Comunicação e Ciências Sociais.
e-mail: danielpl@usp.br

Alguns eixos determinantes presentes no texto – e que nos auxiliam a melhor compreender suas características – dizem respeito ao fato de que, quando surge, a *Demanda* já está inserida num contexto de afirmação nacional: é comum a presença de um herói nacional (Artur, herói bretão, seria um arquétipo de vários outros heróis que simbolizariam a resistência e a formação de identidades nacionais). Além disso, a religião é uma outra determinante da mentalidade do homem medieval.

Dessa forma, consubstanciam-se duas fortes componentes da *Demanda*: a temática religiosa e a questão do herói nacional, devendo ser ressaltado entretanto que a guerra não é o valor máximo para os cavaleiros, mas sim a salvação.

Vale destacar que as aventuras, os obstáculos e as lutas tinham a ver com as provas a que os cavaleiros deviam se submeter. Isso implica uma trajetória inescapável que o herói terá de cumprir para se mostrar valoroso o suficiente e merecedor da graça divina. Ele não pode fugir dos torneios (vemos no capítulo 252 como Galaaz não demonstra a menor dúvida a respeito de entrar ou não no “torneio forte e maravilhoso”² ao qual acaba de chegar). O código cavaleiresco implica coragem.

Existe, portanto, uma codificação de um conjunto de atributos e valores que representam o herói: ele deve ser justo, leal, corajoso, honrado, ter “santidade de propósitos”(MEGALE, 1988, p.563). Tanto mais será beneficiado, quanto mais se aproxime dos valores cristãos. Há uma clara correlação entre o mérito das ações e tais valores. Desse modo, o verdadeiro herói está a favor dos valores bons e o seu comportamento em prol da ideologia dominante é positivo. Há o claro dualismo entre bem e mal.

2. Uma pequena passagem

Se considerarmos, por exemplo, os capítulos 250 a 253, veremos que já na primeira parte do episódio, no capítulo 250, é possível notar a forte presença da religiosidade no mundo dos heróis da *Demanda*. Antes de entrar na barca, Boorz “encomendou-se a Nosso Senhor” (MEGALE, 1988, p.570). Logo depois, quando já dentro dela, roga “a Nosso Senhor que o guiasse a tal lugar onde sua alma pudesse salvar”. Ao término do capítulo, também podemos ler: “assim se encontraram os amigos na barca que Deus lhes preparara e esperavam as aventuras que lhes quisesse enviar” (MEGALE, 1988, p.573). Vemos, desse modo, o quanto os valores cristãos estão permeando a vida dos heróis, suas ações e decisões sendo sempre entrecortadas pela mão divina e seus desígnios. A fé é mostrada como a grande porta pela qual são conduzidos às aventuras, cuja função é aproximá-los da salvação.

Vê-se, ademais, o quanto tais aventuras têm um peso determinante para os heróis. Assim que Boorz e Persival se cumprimentam, começam “um ao outro a contar suas aventuras, que lhes aconteceram desde que entraram na demanda.” A vida do herói, sua identidade e seu estar no mundo é definido pelo quanto de aventura lhe é ofertado por Deus. O que corrobora o que dissemos anteriormente: sua trajetória de lutas é a possibilidade de conseguir a salvação.

² Todas as citações textuais do episódio serão retiradas de *A Demanda do Santo Graal: manuscrito do século XIII*, edição sob os cuidados de Heitor Megale, São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1988, pp. 560-590.

Na segunda parte do episódio é possível perceber a figura de Galaaz com o “bom cavaleiro”, o predestinado, o melhor dentre os melhores, aquele que é brindado com o conjunto de valores necessários para que se alcance a salvação na terra. Galaaz é o mais corajoso, hábil, fiel, honrado.

O “bom cavaleiro” Galaaz livrara Persival “dos vinte cavaleiros que o perseguiram”, sua lealdade e solidariedade, sua ousadia e habilidade já nos são apresentadas. A seguir, o “torneio forte e maravilhoso” é visto como uma oportunidade para o herói Galaaz percorrer mais uma etapa na estrada em direção à sua predestinação. “[...] Estavam os de dentro tão desbaratados, que não esperavam senão a morte. E Tristão [...] sofrera já tanto que tinha já muito quatro feridas”(MEGALE, 1988, p.579): será em auxílio dos que perdem, dos que estão sendo oprimidos e derrotados, que o herói irá utilizar seus talentos. Como destaca Massaud Moisés (1989, p.35), “o herói corre em socorro de Tristão porque este, batalhando contra numerosos cavaleiros, representa o Bem a se bater contra o Mal”.

Também Tristão, estando todos contra ele “e ainda não quer(endo) deixar o torneio”, mostra-se um seguidor dos códigos da cavalaria, da coragem que o herói cavaleiro deve demonstrar mesmo na mais adversa situação.

Quando informado da situação de Tristão, Galaaz afirma que “Agora me teriam por mau, se o não fosse ajudar” (MEGALE, 1988, p.581), ou seja, se não cumprir os preceitos esperados, sendo leal e solidário, o herói terá maculada sua reputação e seu destino de predestinado. Galaaz entra na lida e arrasa os demais oponentes, derrotando-os a todos, indo onde “estava a maior luta”, fazendo “tão grande maravilha de armas, que quantos o viam se maravilhavam”(MEGALE, 1988, p.582). Por sua habilidade e destreza, o herói configura-se como imbatível, merecendo a admiração de todos, cumprindo mais uma parcela de sua peregrinação.

O inimigo derrotado, Galvão, tem de reconhecer que “este é Galaaz, o bom cavaleiro”, antes de receber um golpe quase mortal. E Sagamor diz: “Por boa fé, agora bem posso dizer que este é o melhor cavaleiro que alguma vez vi.” (MEGALE, 1988, p.584).

Somente após os inimigos derrotados (o herói não foge e está sempre vigilante), Galaaz parte “dali tão ocultamente, que ninguém o percebeu, exceto Tristão”. E Galvão, bastante ferido, mas ainda assim consciente, confirma uma vez mais ser Galaaz o “bom cavaleiro”: o destino divino se cumpre.

Como últimas observações referentes ao conceito de herói poderíamos citar: a fala de Galvão, dizendo que o pavor é pior que as feridas; a lealdade de Heitor, que não o deixa; os demais cavaleiros, que partem querendo encontrar o valoroso Galaaz, aquele que é predestinado a receber a graça divina.

Finalmente, caberia destacar um aspecto que, até onde pudemos notar, não se mostra presente nesse episódio e que valeria ser mencionado: o amor como um obstáculo para se chegar ao Graal, uma vez que o sentimento amoroso é representado como desvio e perdição em relação ao caminho do Santo Graal. Como destaca Heitor Megale (1988, p.17), na introdução da edição da *Demanda* aos seus cuidados, “de todos os cavaleiros que saem em busca do Graal, apenas Galaaz e Persival, porque virgens, e Boorz, porque casto, conseguem a graça de ver o santo Vaso”. Nessa mesma linha, Saraiva e Lopes (1975, p.96) afirmam que:

[...] na demanda todo amor é considerado pecaminoso, e a virgindade recomendada como o estado mais perfeito. O antigo herói, modelo de cavaleiros e amantes, Lançarote do Lago, vê-se eclipsado por seu filho, que é também a sua réplica, Galaaz, o qual não quis conhecer nunca mulher. (SARAIVA e LOPES, 1975, p.96)

3. Questões atuais

Gostaríamos, como palavra final, de arriscar (esse é verbo para tal aproximação) uma pequena comparação entre duas pontas da Literatura Portuguesa: o herói Galaaz e o quase anti-herói moderno, Jesus de Nazaré, de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago.

Se a vida permeada por Deus é uma benção para o Galaaz da *Demanda*, para o Jesus do *Evangelho*, ela se torna quase uma maldição. A intromissão de Deus, o arbítrio de suas decisões e seu autoritarismo são um fardo que o “herói” de Saramago tem de carregar.

Se Galaaz quer manter seu pacto divino, reforçá-lo, temeroso de que haja um abandono, Jesus está desconfortável: ser o predestinado, ser o escolhido é um incômodo. No mundo da *Demanda*, a predestinação é quase uma graça alcançada; no mundo do *Evangelho*, a predestinação é aquilo do que se quer escapar.

Um Deus postado no lado inquestionável do Bem surge nas páginas da *Demanda*; um Deus mesquinho e egoísta, envolto em dilemas que paradoxalmente o humanizam, emerge do livro de Saramago: aqui Bem e Mal são relativizados, suas oposições são utilizadas apenas momentaneamente como forma de dar relevo às personalidades complexas de José, Maria, Pastor, Jesus e Deus. Bem e mal estão humanamente confundidos.

Se na *Demanda* o amor é uma proibição, no *Evangelho* ele surge como uma possibilidade de humanização, Jesus e Maria de Magdala vivendo um amor que Deus não pode experimentar. Se na obra fundadora da Literatura Portuguesa os homens querem ascender ao mundo de Deus, na magistral obra de Saramago os homens querem viver o mundo dos homens. Em nossos dias o Graal é uma tigela negra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

MEGALE, Heitor (ed.). **A Demanda do Santo Graal: manuscrito do século XIII**. São Paulo: T.A. Queiroz/ Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa através dos Textos**. São Paulo: Cultrix, 1989.

SARAIVA, António José e LOPES, Oscar. **História da Literatura Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 1975.